

INCLUSÃO EDUCACIONAL: ATUAÇÃO DE PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ailton Clemente da Silva¹; Rosângela Luzineide da Silva²; Francillene Gomes Lima Silva³; Camila Ingrid da Silva Lindozo⁴; Ernani Nunes Ribeiro⁵

¹Discente do Centro Acadêmico de Vitória. Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: ailtonclemente1995@gmail.com

²Discente do Centro Acadêmico de Vitória. Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: rosangelaluzineide@outlook.com

³Discente do Centro Acadêmico de Vitória. Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: francilenygomes2010@hotmail.com

⁴Discente do Centro Acadêmico de Vitória. Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: camilaingrid95@gmail.com

⁵Profº do Núcleo de Biologia. Centro Acadêmico de Vitória. Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: ernaniribeiro@gmail.com

Introdução

A educação inclusiva atualmente tem tido grande ênfase diante de um processo amplo de participação de toda a comunidade escolar. Toda inclusão depende de políticas afirmativas e da luta dos grupos sociais excluídos nos processos históricos. Significa promover e reconhecer o potencial inerente a todo ser humano em sua maior expressão, a diferença.

Para Manzini (2006), a acessibilidade significa “algo que pode ser observado, implementado, medido e avaliado” ou, ainda, como forma de acessibilidade para que as pessoas tenham acesso aos locais e/ou a determinadas situações. Para fins de acessibilidade, considera-se entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação (BRASIL, 2005).

A acessibilidade passa a fazer parte do cenário educacional, no instante em que o direito de ir e vir com autonomia torna-se elemento importantíssimo para auxiliar na inclusão escolar e social (TANAKA, 2006). No entanto, para que este processo inclusivo se efetive, é necessário planejar e melhorar a acessibilidade arquitetônica nas escolas, para proporcionar condições de acesso das pessoas com deficiência física e/ou mobilidade reduzida a todos seus ambientes ou compartimentos (FREITAS et al., 2008).

Do ponto de vista destes autores, a acessibilidade e a eliminação de barreiras arquitetônicas, é um ponto crucial para favorecer a inclusão dos discentes com deficiência física em todos os ambientes da escola. Sendo assim, o novo paradigma da inclusão visa garantir que todos os aprendentes, independentemente das suas características e diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade e vivam experiências significativas.

O desenvolvimento de uma educação inclusiva no qual conceitua-se como "o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular" (Hegarty, 1994). obriga a grandes mudanças organizacionais e funcionais em diferentes níveis do sistema educativo, a mudanças na articulação dos diferentes agentes educativos, a mudanças na gestão da sala de aula e do currículo e a mudanças do próprio processo de ensino-aprendizagem e, por isso mesmo, pode também originar resistências e medos, que inibam a ocorrência dessas mudanças (FREIRE, 2008).

Diante do quadro que vem sendo traçado, a educação inclusiva vem a ser comumente apresentada como uma evolução da escola integrativa. Na verdade, ela não é uma evolução, mas uma ruptura, um corte, com os valores da educação tradicional. A educação inclusiva

assume-se como respeitadora das culturas, das capacidades e das possibilidades de evolução de todos os discentes.

Um pressuposto frequente nas políticas relativas à inclusão supõe um processo sustentado unicamente pelo professor, no qual o trabalho do mesmo é concebido como o responsável pelo seu sucesso ou fracasso. É claro que a aprendizagem dos discentes é uma das metas fundamentais, não só dos professores, mas de todo o profissional que esteja implicado com a educação e, sem dúvida, uma prática pedagógica adequada se faz necessária.. Convém aqui lembrar um trecho da declaração de Salamanca que destaca: “A preparação adequada de todo pessoal da educação constitui um fator-chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas”. (MEC, Pág. 9, 2005).

Ao professor do ensino regular exige-se que crie condições de aprendizagem adequadas para todos os alunos, pensando “na forma como poderá interessar (o aluno) nas tarefas propostas, como poderá mobilizar a sua curiosidade, como poderá inseri-lo em estimulantes trabalhos de grupo e em projetos que o ajudem a prender a atenção e a desenvolver as suas capacidades de aprendizagem” (Bénard da Costa, 1998, p. 64).

Fazendo utilização de jogos didáticos e adaptações de aulas e jogos como por exemplo o futebol e vôlei. Adaptações de aulas práticas, fazendo com que seja instigado nos alunos o poder de que eles são capazes de realizar as atividades diárias das escolas, e proporcionar uma interação maior com esses alunos que juntos convivem diariamente. Para que isso seja possível faz necessária a quebra das barreiras atitudinais que é posta de forma que o professor ver o aluno incapaz de realizar suas atividades.

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar as ações dos professores dos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública municipal, frente aos alunos com deficiências.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos na investigação, este estudo caracteriza por uma pesquisa de cunho qualitativo, vivenciada através de um estudo de campo, por meio da pesquisa-ação que segundo (BARBIER, R. 2002).

“O verdadeiro espírito da pesquisa-ação consiste em sua “abordagem em espiral” “. Significa que “todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação” (p. 117).

com entrevistas estruturadas a base de questionários objetivos. A pesquisa visa a análise perceptivas relacionadas às medidas inclusivas trabalhadas pelos professores dos anos finais do ensino fundamental em sala de aula. O foco da observação leva em consideração a formação acadêmica do docente e os métodos inclusivos usando por eles, frente aos alunos com deficiência.

O questionário foi direcionado de forma aleatória a todos os professores dos anos finais do ensino fundamental, em uma Escola Pública de Ensino Regular, localizada no Sítio Varjadas município de Passira/PE com professores graduados em licenciatura do ensino fundamental nos anos finais.

Os dados foram obtidos no dia 16 de julho 2018, realizou-se uma aplicação de questionário com os professores desta escola, o total de professores que participou foi sete professores. Onde os mesmos apresentaram de que forma trabalhavam com os discentes. Para que fosse melhor a coleta dos dados observou-se uma aula de cada professor para ver suas metodologias utilizadas em sala. A visita foi dividida em dois momentos: 1º momento aplicação do questionário para conhecimento prévio dos professores sobre a inclusão e os processos inclusivos educacionais. tempo utilizado (20 minutos); 2º momento observação das metodologias utilizadas em sala de aula pelos professores (50 minutos).

Sendo assim, cientes desses desafios e dos questionamentos do professor acerca do que fazer no cotidiano da sala de aula, nos propõe trazer uma reflexão sobre as metodologias de ensino para crianças deficientes. Deixando claro que o nosso objetivo não é trazer receitas prontas a serem seguidas, ao contrário, o sucesso do ensino e aprendizagem se dará mediante a contínua observação e experimentação cuidadosa, levando em conta suas particularidades. Ou seja, essas metodologias “devem atender à natureza única de cada pessoa e criar condições que permitam a expressão máxima das capacidades individuais” (Santo e Coelho, 2006, p. 7). Os ambientes e recursos didáticos utilizados foram: sala dos professores, sala de aula, papel A4, e notebook.

Resultados e Discussão

No questionário a 1ª pergunta referia-se: (Você trabalha de forma inclusiva)? Os 5 professores disseram que sim, 2 professores responderam que não. 2ª pergunta: (quais empecilhos você encontra ao trabalhar inclusão)? 3 professores responderam que era a infraestrutura defasada, 2 que era a estrutura pedagógica da escola e 2 as barreiras atitudinais. 3ª pergunta: (Das opções abaixo marque aquela(s) que você compreende ser todas as formas de exclusão). (A) Preconceito, bullying, estrutura física e pedagógica da escola (B) Barreiras atitudinais e estereótipos (C) Exclusão social, barreiras atitudinais, estrutura física e pedagógica. 4 professores responderam letra A, 1 professor respondeu letra A e B e 2 professores responderam letra C.

A análise destes dados permite concluir que os professores não têm uma base sobre a inclusão escolar, pedagógica e educacional, nem a importância de se trabalhar com materiais adaptado-diferenciados. Então, é muito frequente ver professores cometer a exclusão dos discentes por meio de barreiras atitudinais onde remete nesta ação de prática exclusiva sem que o próprio professor perceba. O que torna fácil de entender o porquê que educando deficientes têm tanta dificuldade de assimilar os conteúdos. Onde o próprio professor põe a barreira como algo intransponível.

No segundo questionário após a avaliação das aulas dos professores, a 1ª pergunta: Como trabalhar prática inclusivas com os alunos? Os 7 professores responderam que a utilização de aulas práticas resultaria em uma interação espontânea e harmoniosa entre os educandos. A 2ª pergunta: Você já utilizou recursos metodológicos (jogos lúdicos) ou atividades práticas adaptadas se sim quais? 6 professores disseram que não, um professor disse que sim. Onde ele falou que adaptou o futebol, colocando todos os alunos sentados, como se fosse cadeirantes e ao invés de chutar a bola com os pés, eles iriam jogar com as mãos, mas não arremessar, e sim jogar. É perceptível pela análise dos resultados desse segundo questionário, que alguns dos professores buscam práticas inclusivas, mesmo que o ambiente não proporcione. Como visto por Marram, 2017 mediante desta necessidade que se evidencia a importância da aplicação de metodologias diferenciadas.

Após o final da aplicação do questionário foi perceptível que os graduados em licenciatura ao participar desse questionário e relatar suas experiências conseguiram alcançar uma aprendizagem significativa sobre o tema. O que é referenciado por Freire (1996) ao garantir que a visão crítica do mundo se constrói a partir do conhecimento da realidade cabe retomar o histórico de formação que sempre permeou atividades práticas.

Conclusões

As consequências da exclusão e das barreiras atitudinais devem ser analisadas, buscando meios de intervenções e formas metodológicas planejadas que reflitam durante o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, e assim possibilite melhor convivência entre os discentes na escola.

Ao tratar das especificidades dos discentes, cabe a escola buscar formas de se adequar ao aluno portador de deficiência. Sendo de fundamental importância uma atuação que unifique as escolas e a sociedade, criando um elo onde a escola não fica isolada nessa causa, mais sim age seu posicionamento juntamente com a família e sociedade buscando assegurar o caráter humanizado e igualitário a todos.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: Plano, 2002

Bénard da Costa, A.M. (1998). Projecto "Escolas inclusivas". Inovação, 11(2), 57-85.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Documento subsidiário à política de inclusão. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. **Coordenadoria Nacional para a integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. Acessibilidade- Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. **Revista de Educação**, p. 5-20, 2008.

FREITAS, L. P. T. et al. Barreiras arquitetônicas: as limitações do direito de ir e vir dos alunos com deficiência física da Escola Agrotécnica Federal de Iguatu/Campus I. In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE ENORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 3., 2008, Fortaleza- CE. Anais...Disponível em:<<http://www.intv.cefetce.br/connepi/viewpaper.php?id=1607>> Acesso em: 07Setembro.2018.

Hegarty (1994)"Integration and the Teacher" in: C.J.W, Meyer, S.J.Pijl and S. Hegarty (eds.) New Perspectives in Special Education: a Six Country Study of Integration, London, Routledge.

MANZINI, E.J. (Org.). **Inclusão e acessibilidade**. Marília, SP: ABPEE, 2006.

MARRAN, A. L.; SILVA, M. M.; SALES, C. M. **Potencialidades e desafios de uma estratégia para aulas práticas onde a teoria pode vir depois**. Laplage em Revista (Sorocaba), vol.3, n.2, mai.-ago. 2017, p.195-205. ISSN:2446-6220.

TANAKA, E. D. O. Acessibilidade: um dos caminhos para auxiliar na inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, jan./abr. 2006, v. 12, n.1,p. 139-142.